

Minha terra de berbigões

Era um dia chuvoso, véspera do meu aniversário de onze anos, quando recebi uma ligação do meu tio Roberto. Ele deu a notícia de que meu avô havia falecido. Foi muito difícil perder meu avô na véspera do meu aniversário, sem ao menos poder me despedir dele, pois fazia um tempo que eu não o via. Não consegui conter o choro e fui até a frente da casa com lágrimas nos olhos. Uma vizinha perguntou o que havia acontecido e eu contei que meu avô Joaquim, conhecido no bairro como “Tiquinca”, tinha morrido. A gente não está acostumada a lidar com a perda de alguém que nos representa tanto, de alguém que sempre foi nosso referencial. Ele sempre foi um homem bem conhecido aqui na Costeira. E meu avô nos contava cada história... E eu amava sentar ao seu lado e ouvir todos os causos sobre o povo local. Aliás, a história do nome do bairro já é muito interessante.

Contava meu avô que no bairro Costeira do Pirajubaé viviam poucas pessoas; era um bairro praticamente rural e hoje já é bem urbano com ruas asfaltadas, calçadas, posto de saúde, escolas e um modesto comércio. Meu avô dizia que nem sempre foi assim; que as pessoas basicamente viviam da pesca e não era uma pesca qualquer não. Já ouvistes falar no berbigão? Então olha só meu avô contando:

- O nome do nosso bairro nem sempre foi Costeira do Pirajubaé. Isso mudou com o tempo, antes se dizia apenas Pregibaé. O nome tem mesmo é origem indígena. O termo *pregibai* significa “búzio, os muito grandes”, *breguigoens* ficou como berbigão na língua portuguesa e *igbaheapina* significa “o que se encontra dentro da água”.

A minha cabecinha ia longe demais... Quando vovô disse de onde veio o nome de nosso bairro, na mesma hora imaginei que a nossa avenida principal era forrada por várias conchinhas brancas e lindas. Quase que uma passarela de contos de fadas. Mas meu avô prosseguiu contando a história de nosso bairro...

- Aqui não tinha nada de asfalto não, isso foi coisa trazida pela modernidade. Aqui era tomado por mangue e estrada de barro. As pessoas vinham lá do sul da Ilha para chegar lá no mercadão central. E era uma longa caminhada; tinha muita gente que vinha a cavalo, mas muitos vinham era a pé mesmo. Pensas que existia essa coisa de gente obesa? Que nada, aqui se andava bastante e tinha muito peixe e berbigão na mesa; não tinha gente gorda.

Meu avô disse que aqui, como fica na encosta do morro e é cercado pelo mar, sempre atracavam as embarcações que distribuíam peixes e camarões, e era uma festa só. Meu avô sempre teve orgulho de dizer que aqui jamais alguém morreria de fome, que a alimentação era farta e muito rica em frutos do mar, principalmente o berbigão. Aqui sempre morou e mora muita gente do bem, que sempre trabalhou firme assim como meu avô. É certo que com a modernização e o crescimento da cidade muita coisa mudou. Meu avô me contou que as casinhas não avançavam tanto; que não subiam tanto o morro. Mas como veio muita gente de fora o crescimento se tornou inevitável. Disse também que foi triste demais quando tiveram que aterrar grande parte da baía sul para que se fizesse uma rodovia. Que muito se perdeu e que aquela fartura de frutos do mar se foi com essa tal modernidade.

Percebo que a cultura hoje está um pouco diferente da época em que meu avô aqui viveu. Às vezes fico aqui a contemplar o pôr do sol, fecho meus olhos e deixo minha cabeça viajar por todas aquelas histórias que meu avô contava.

O bairro realmente carrega muitas histórias e orgulho, mas acredito que meu avô era quem dava cor e colocava brilho nos meus olhos ao me fazer viajar pelo mundo maravilhoso do meu pequeno grande bairro cheio de berbigões. As histórias de meu avô traziam cheiros e sabores de nossa comida, do nosso pirão d' água, nossos peixinhos fritos e do bom berbigão. E eu gostava demais de saber que meu avô tivera uma vida feliz aqui nesse bairro que moro.

Foi muito bom, no dia do meu aniversário de onze anos, poder lembrar de meu avô Joaquim. Claro que com muita saudade. Mesmo ele partindo, senti que muita coisa ficaria viva na minha cabeça para sempre. As histórias do meu bairro passarei aos meus filhos e a todos que desejarem ouvir.